

16 - BACIAS DO RECÔNCAVO, TUCANO E JATOBÁ

José M. Caixeta¹, Gilmar V. Bueno¹, Luciano P. Magnavita¹ e Flávio J. Feijó²

As bacias do Recôncavo, Tucano e Jatobá estendem-se por mais de 30 000 km² no nordeste da Bahia e sul de Pernambuco, ocupando grandes fossas tectônicas encravadas no Cráton do São Francisco (Almeida, 1967). A Bacia do Recôncavo foi intensamente explorada nos últimos cinquenta anos, o que resultou na perfuração de mais de cinco mil poços e no registro de mais de 30 000 km de seções sísmicas de reflexão. Esta substancial quantidade de dados permitiu muitas interpretações de cunho estratigráfico, das quais a mais utilizada tem sido a de Viana *et al.* (1971). Entretanto, dados obtidos nas últimas duas décadas conduziram ao aprimoramento do entendimento tectono-estratigráfico destas bacias, o que justifica os ajustes ora propostos (figs. 16.1, 16.2 e 16.3).

A Bacia do Tucano compreende três sub-bacias: Norte, Central e Sul. As afinidades estruturais e estratigráficas permitem a análise em conjunto dos segmentos sul e central. A Sub-bacia do Tucano Norte, por sua vez, pode ser somada à Bacia do Jatobá para fins de interpretação. As bacias do Recôncavo e Tucano Sul/Central limitam-se com o embasamento a leste por falhamentos de grande rejeito, e a oeste por falhas menores ou mesmo flexuras. Na bacia do Tucano Norte/Jatobá há uma inversão de polaridade, com a falha principal situando-se a oeste/noroeste. O limite sul desta bacia, com a Sub-bacia de Tucano Central, é no sistema de falhas Vaza Barris. O limite entre Recôncavo e Tucano se dá no Alto de Aporá.

A nomenclatura litoestratigráfica adotada obedece à precedência das definições de Viana *et al.* (1971), tendo sido incorporadas as modificações propostas por Silva (1978), Netto e Oliveira (1985), Silva *et al.* (1989), Aguiar e Mato (1990) e Picarelli e Caixeta (1991). Nos casos de mudanças hierárquicas, foram mantidas a seção-tipo e a caracterização originais de Viana *et al.* (1971).

Grupo Jatobá - congrega as formações Tacaratu e Inajá, presentes no flanco sul da Bacia do Jatobá e no *Graben* de Santa Brígida, situado na borda leste da Sub-bacia do Tucano Norte. A nomenclatura destas unidades tem sofrido diversas modificações, adotando-se aqui a defendida por Braun (1970). A **Formação Tacaratu** é composta por conglomerado polimítico e arcóseo fino a conglomerático, de idade provável siluriana. Esta unidade pode ser correlacionada com o Grupo Serra Grande, da Bacia do Parnaíba. A **Formação Inajá**

contém arenito fino a grosso, caulínico, com estratificação cruzada, depositado por sistemas fluviais devonianos. Correlaciona-se esta formação com parte do Grupo Canindé, da Bacia do Parnaíba.

As relações estratigráficas entre as unidades paleozóicas reconhecidas no Tucano Norte e Jatobá são de difícil determinação, mas infere-se que sejam pelo menos parcialmente discordantes.

Formação Curitiba - inclui arenito argiloso, folhelho varvítico e calcário (Ghignone, 1963), datados como Carbonífero (Dino e Uesugui, 1986). Esta unidade foi mapeada no *Graben* de Santa Brígida, e pode ser correlacionada com a Formação Batinga, das bacias de Sergipe e Alagoas.

Formação Santa Brígida - definida por Brazil (1948) e redescrita por Ghignone (1963), que a subdividiu nos membros Caldeirão e Ingá, esta unidade representa a sedimentação permiana (Dino e Uesugui, 1986) nas bacias de Tucano Norte e Jatobá. O Membro Caldeirão é caracterizado por arcóseo grosso e fino, violeta-vermelho, e siltito vermelho. O Membro Ingá contém arenito quartzoso médio a grosso, folhelho verde e sílex. É possível se correlacionar a Formação Santa Brígida com as formações Afligidos (Tucano Sul, Recôncavo e Camamu), Aracaré (Sergipe) e Pedra de Fogo (Parnaíba).

Formação Afligidos - definida por Viana *et al.* (1971) como membro da Formação Aliança, foi elevada à categoria de formação por Aguiar e Mato (1990), que acrescentaram os membros Pedrão e Cazumba. O Membro Pedrão inclui arenito fino e muito fino cinza-claro e bege, com intercalações de siltito cinza-claro, rico em nódulos de sílex, e camadas de anidrita e halita. O Membro Cazumba se caracteriza por folhelho vermelho de partição blocosa, com níveis silticos esbranquiçados. Os contatos inferior com o embasamento e superior com a Formação Aliança são discordantes. As poucas datações bioestratigráficas com base em palinóforos apontam para uma idade permiana (Kunguriano) para estes estratos, presentes nas bacias do Recôncavo e Tucano Sul. Admite-se, para as rochas do Membro Pedrão, uma deposição em ambiente litorâneo restrito, e para os folhelhos Cazumba um ambiente lacustre (Aguiar e Mato, 1990). Esta formação pode ser correlacionada com as formações Aracaré (Sergipe e Alagoas) e Santa Brígida (Tucano Norte e Jatobá).

¹ Divisão Regional de Exploração (DIREX), Distrito de Exploração da Bahia (DEXBA), Av. Antônio Carlos Magalhães, 1113, CEP 41856-900, Salvador, BA, Brasil.

² Departamento de Exploração (DEPEX), Av. República do Chile, 65, CEP 20035, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Grupo Brotas - na definição de Viana *et al.* (1971), abrange as formações Aliança e Sergi, e foi reformulado pela exclusão da Formação Afligidos. Está presente nas bacias do Recôncavo, Tucano e Jatobá. A correlação deste grupo se dá com as formações Bananeiras e Serraria (Sergipe e Alagoas) e provavelmente com o Grupo Mearim (Parnaíba).

Formação Aliança - abrange os membros Boipeba e Capianga. O Membro Boipeba consiste de arcóseo fino a médio vermelho e marrom, com estratificação cruzada, e o Membro Capianga é tipicamente caracterizado por folhelho vermelho-tijolo. A Formação Aliança está sobreposta em discordância à Formação Afligidos, e sotoposta concordantemente à Formação Sergi (Viana *et al.* 1971; Aguiar e Mato, 1990). Depositadas por sistemas flúvio-lacustres em clima árido, estas rochas contêm ostracodes não-marinhos da Idade Dom João, ou Neojurássico.

Formação Sergi - nomeia arenito fino a conglomerático, cinza-esverdeado e vermelho, com estratificação cruzada acanalada. Ocorrem também intercalações de folhelho vermelho e cinza esverdeado, e conglomerado (Viana *et al.* 1971). Estas rochas foram depositadas por sistemas fluviais entrelaçados, com retrabalhamento eólico. Sua idade, presumida neojurássica, é indicada pela presença de ostracodes não-marinhos da idade Dom João.

Grupo Santo Amaro - na caracterização de Viana *et al.* (1971), abrangia as formações Itaparica e Candeias. Com a promoção dos membros Água Grande e Maracangalha à categoria de formação, o Grupo Santo Amaro passou a congregar quatro formações: Itaparica, Água Grande, Candeias e Maracangalha. Este grupo é de idade berriásiana a eobarremiana, conforme atestam as datações com ostracodes e palinóforos. Pode-se correlacionar esta unidade com parte da Formação Barra de Itiúba, das bacias de Sergipe e Alagoas.

Formação Itaparica - designa folhelho marrom e cinza-oliva lacustre, sobreposto concordantemente à Formação Sergi, e sotoposto em discordância às rochas da Formação Água Grande (Silva, 1978). As determinações bioestratigráficas com base em ostracodes não-marinhos conferem à Formação Itaparica uma idade eoberriásiana.

Formação Água Grande - anteriormente um membro da Formação Itaparica, fica redefinida como formação com base na constatação de uma discordância angular entre o Água Grande e os marcos estratigráficos identificados nos folhelhos da Formação Itaparica (Silva, 1978). A Formação Água Grande é representada por arenito fino a grosso, cinza-claro a esverdeado, rico em estratificação cruzada acanalada de médio e grande portes. Os contatos inferior com a Formação Itaparica e superior com a Formação Candeias são discordantes. Esta unidade foi reconhecida apenas nas bacias do Recôncavo e Tucano Sul. Interpreta-se para estes arenitos a deposição por sistemas fluviais e retrabalhamento eólico (Barroso e Rivas, 1984; Casanova e Guimarães, 1985; Durães, 1989). A ampla distribuição de arenitos com retrabalhamento eólico na porção superior da Formação Água Grande evidencia uma pausa na sedimentação e serve de critério secundário na definição da discordância existente entre esta formação e

a Formação Candeias, a ela sobreposta. Esta quebra no registro sedimentar está associada a uma importante mudança climática, de árido para úmido (Regali, 1966).

O perfil-tipo adotado para a Formação Água Grande é o intervalo 1 082-1 108 m do poço 7-AG-219-BA, perfurado em 1968 pela PETROBRÁS no município de Pojuca (fig. 16.4).

Formação Candeias - denomina a seção predominantemente argilosa interposta entre os arenitos Água Grande e os clásticos do Grupo Ilhas (Viana *et al.* 1971). Nesta revisão, a Formação Candeias admite dois membros, Tauá e Gomo. O Membro Tauá se caracteriza por folhelho escuro, físsil, com partição acicular, enquanto que o Membro Gomo é formado por folhelho cinza-esverdeado, laminado, com delgadas camadas de calcário e arenito fino cinza claro. A resistividade medida em perfis elétricos é distintamente maior nos folhelhos do Membro Gomo. Estas rochas depositaram-se em ambiente lacustre, com subsidência rápida e forte aporte sedimentar. Sua idade eo-Rio da Serra é atestada por datações bioestratigráficas com base em ostracodes não-marinhos.

Nas bacias de Tucano e Jatobá, os folhelhos Candeias são substituídos por uma seção predominantemente arenosa, a qual mais apropriadamente seria incluída no Grupo Ilhas.

Formação Maracangalha - reúne os membros Maracangalha e Pitanga, antigos integrantes da Formação Candeias, e as Camadas Caruaçu, da Formação Marfim (Viana *et al.* 1971). A Formação Maracangalha se caracteriza por folhelho cinza-esverdeado e cinza-escuro, com baixa resistividade em perfis elétricos, se comparado com os folhelhos do Membro Gomo. O Membro Caruaçu denomina as camadas lenticulares de arenito fino e médio, com estratificações cruzadas tangenciais e estratificação plano-paralela, laminações por correntes e convolutas. Os arenitos muito finos, lamosos e maciços do Membro Pitanga permanecem conforme definido por Viana *et al.* (1971), estando relacionados à Formação Maracangalha pela íntima associação com aqueles folhelhos. É bem verdade que arenitos com as mesmas características podem ocorrer em outras unidades litoestratigráficas do Recôncavo, como no Membro Gomo. Mas estes casos são raros, e aí pode-se utilizar o termo informal "lentes de Pitanga". Esta reorganização contempla o que Silva *et al.* (1989) definiram como Formação Jacuípe, com a vantagem de não introduzir nova terminologia estratigráfica na coluna da bacia. A Formação Maracangalha somente foi reconhecida na Bacia do Recôncavo. A partir de análises bioestratigráficas com base em ostracodes não-marinhos, deduz-se as idades neo-Rio da Serra e Aratu para esta formação, depositada em ambiente lacustre, com turbiditos intercalados.

Grupo Ilhas - designa a seção areno-argilosa situada entre os folhelhos Candeias e os arenitos do Grupo Massacará (Viana *et al.* 1971). Inclui as formações Marfim e Pojuca. A idade conhecida destas rochas vai de Valanginiano a Aptiano, conforme determinações bioestratigráficas com base em ostracodes não-marinhos e palinóforos. Correlaciona-se com parte da Formação Barra de Itiúba, de Sergipe e Alagoas. Interpreta-se para os estratos do Grupo Ilhas uma sedimentação deltaica.

Formação Marfim - é caracterizada por arenito limpo muito fino a médio, bem selecionado, cinza-claro, com camadas de folhelho cinza esverdeado intercaladas (Viana *et al.* 1971). Da definição original, excluiu-se as Camadas Caruaçu, agora integrantes da Formação Maracangalha. O membro Catu denomina um nível arenoso bem caracterizado e posicionado por correlação de marcos elétricos.

Formação Pojuca - permanece a definição original de Viana *et al.* (1971) para as intercalações de arenito cinza muito fino a médio, folhelho cinza-esverdeado, siltito cinza-claro e calcário castanho, que se sobrepõem à Formação Marfim. O Membro Santiago é uma camada de arenito fino de distribuição regional, bem balizado por finas camadas calcárias, que compõem marcos de grande distribuição lateral e características elétricas marcantes, possibilitando ótimas correlações na porção centro-norte do Recôncavo.

Formação Taquipe - caracteriza-se por folhelho cinza, com estratificação paralela e lentes de arenito muito fino maciço (Netto *et al.* 1984). Esta unidade ocupa uma feição erosiva em forma de *canyon*, alongada na direção norte-sul e constatada na porção centro-oeste do Recôncavo, estendendo-se para norte até a Sub-bacia do Tucano Sul (Bueno, 1987; Picarelli e Caixeta, 1991). Desta forma, a Formação Taquipe sobrepõe-se em discordância erosiva à Formação Pojuca, e é recoberta concordantemente pela mesma Formação Pojuca. Amorim (1992) constatou que os arenitos, presentes em proporção maior que a originalmente definida, distinguem-se dos da Formação Pojuca subjacente por se apresentarem maciços ou com estruturas de escorregamento.

O perfil-tipo da Formação Taquipe é o intervalo 905-1 440 m do poço 1-JM-1-BA, perfurado em 1971 pela PETROBRÁS no município de São Sebastião do Passé (fig. 16.5).

Grupo Massacará - equivale à Formação São Sebastião, com presença crescente do Recôncavo para o Tucano e Jatobá. A Formação São Sebastião permanece como definida por Viana *et al.* (1971): arenito grosso, amarelo-avermelhado, com intercalações de argila síltica, depositado por sistemas fluviais atuantes do Berriasiano ao Eoaptiano. Os membros Paciência (arenito fino a grosso e folhelho preto), Passagem dos Teixeiras (arenito fino a médio e folhelho cinza) e Rio Joanes (arenito fino e argila avermelhada), definidos em afloramentos, são de pouca operacionalidade em subsuperfície. A Formação São Sebastião correlaciona-se com a Formação Penedo, das bacias de Sergipe e Alagoas.

Formação Salvador - caracterizada pelos conglomerados e arenitos da borda leste das bacias do Recôncavo e Tucano Sul/Central, e borda noroeste das bacias de Jatobá e Tucano Norte. Excluiu-se desta unidade os arenitos e folhelhos do Membro Morro do Barro, por não apresentarem relação com os conglomerados da borda da bacia (Barroso, 1984). Os conglomerados da Formação Salvador são o resultado de leques aluviais sintectônicos e marcam a atuação das falhas

de borda que caracterizam a fase *rift* destas bacias, entre o Berriasiano e o Eoaptiano. O Membro Sesmaria designa os arenitos que realmente correspondem às fácies distais da Formação Salvador (Barroso, 1984).

O perfil-tipo do Membro Sesmaria é o intervalo 572-1 546 m do poço 3-SI-3-BA, perfurado em 1967 pela PETROBRÁS no município de Itanagra (fig. 16.6). A Formação Salvador pode ser correlacionada com a Formação Rio Pitanga, da Bacia de Sergipe.

As unidades litoestratigráficas mais jovens não sofreram alterações com relação ao definido por Viana *et al.* (1971), permanecendo válidas suas características originais. A Formação Poço Verde (Brazil, 1948) reúne siltito, arenito e folhelho aptianos interestratificados. A Formação Marizal caracteriza-se por arenito fino a grosso, cinza a amarelo, com estratificação cruzada, de idade neo-aptiana. A Formação Sabiá é composta por folhelho cinza-esverdeado rico em foraminíferos, de idade miocênica (Petri, 1972). A Formação Barreiras congrega areia grossa, com estratificação cruzada, pliocênica (Bigarella, 1975). Ao longo das praias e rios, ocorrem os sedimentos de praia e aluvião quaternários.

Estratigrafia de Seqüências

Seqüência Siluro-devoniana - materializada pelos clásticos grossos e finos fluviais do Grupo Jatobá, preservados no *Graben* de Santa Brígida, no flanco leste da Sub-bacia de Tucano Norte, e no flanco sul da Bacia do Jatobá.

Seqüência Perno-carbonífera - representada pelos clásticos, carbonatos e evaporitos, de ambiente marinho restrito e nerítico, das formações Curitiba, Santa Brígida e Afligidos. Esta seqüência tem distribuição mais ampla que a anterior, alcançando a Bacia do Recôncavo e até mais além, a Bacia de Camamu. Estes estratos estão truncados por uma discordância regional que abrange parte do Permiano, todo o Triássico e parte do Jurássico, compondo um hiato da ordem de 100 M.a. Um evento deste porte pode advir de processos mantélicos, que soergueram a crosta antes da ruptura que resultaria no Oceano Atlântico Sul.

Seqüência Juro-eocretácea - equivale ao Grupo Brotas e à Formação Itaparica, presentes nas bacias do Recôncavo, Tucano e Jatobá. Estes arenitos e folhelhos foram depositados por sistemas fluviais entrelaçados, com forte retrabalhamento eólico, e em lagos sob clima árido, do final do Jurássico ao início do Berriasiano. Esta seqüência corresponde à fase *pré-rift*, durante a qual houve subsidência de porte relativamente pequeno. Sobre ela ocorre uma discordância de caráter regional, em parte marcada pelo retrabalhamento eólico dos sedimentos subjacentes.

Seqüência K10 - a primeira seqüência inteiramente cretácea equivale à Formação Candeias, depositada em lagos distribuídos do Recôncavo a Jatobá e já associados aos falhamentos que caracterizam a fase *rift* destas bacias. Representa uma importante mudança climática, de árido para úmido. De idade

Berriasiana, esta seqüência está truncada por uma discordância pelo menos em parte do Recôncavo. No Tucano e Jatobá, seu topo se caracteriza pela elevada proporção de arenitos.

Seqüência K20 - de idade aproximada valanginiana, foi identificada nas bacias do Recôncavo e Tucano Sul, e inclui parte dos depósitos de leques deltaicos da Formação Salvador, dos arenitos fluviais Massacará, dos deltas Ilhas e do lago Maracangalha. Pelo menos em parte da bacia seu topo é marcado por uma discordância erosiva.

Seqüência K30 - reúne as rochas hauterivianas a eoaptianas resultantes da atuação dos leques aluviais Salvador, dos sistemas fluviais Massacará, dos deltas Pojuca e do lago Maracangalha. Nas bacias do Jatobá e Tucano Sul, não há elementos para distinguir esta seqüência da anterior. A evolução do *rift* cessou quase que por completo no Eoaptiano, originando a discordância que coroa a Seqüência K30.

Seqüência K50 - resulta do último espasmo de atividade dos *rifts* baianos, e equivale aos clásticos grossos neo-aptianos da Formação Marizal, depositados por leques aluviais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, G.A. & MATO, L.F. 1990. Definição e relações estratigráficas da Formação Afligidos nas bacias do Recôncavo, Tucano Sul e Camamu, Bahia, Brasil. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 36. Natal, SBG. Anais, v.1, p. 157-170.

ALMEIDA, F.F.M. 1967. Origem e evolução da plataforma brasileira. Rio de Janeiro, Bol.Div.Geol.Min. DNPM n. 241, 36 p.

AMORIM, J.L. 1992. Evolução do preenchimento do canyon de Taquipe, Neocomiano da Bacia do Recôncavo, sob o enfoque da estratigrafia moderna. Porto Alegre, UFRGS. Dissertação de Mestrado, 114 p.

BARROSO, A.S. 1984. Sedimentologia, diagênese e potencialidades petrolíferas dos arenitos Morro do Barro - Ilha de Itaparica e adjacências. Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

BARROSO, A.S. & RIVAS, A.J.P. 1984. Arenitos eólicos do Membro Água Grande, Formação Itaparica, Bacia do Recôncavo, Bahia. Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

BIGARELLA, J.J. 1975. The Barreiras Group in Northeastern Brazil. In: Simpósio Internacional sobre o Quaternário. Curitiba, Acad.Bras.Ci. Anais, V. 47, p. 365-393.

BRAUN, O.P. 1970. A respeito do "Paleozóico da Bacia de Jatobá, Pernambuco". Rio de Janeiro, Min. Met. v.52, n.309, p.109-111.

BRAZIL, J.J. 1948. Estado da Bahia. In: Brasil, relatório de 1947. Rio de Janeiro, CNP. p. 91-182.

BUENO, G.V. 1987. Considerações sobre a sedimentação e origem do paleocanyon de Taquipe, Bacia do Recôncavo (Brasil). Ouro Preto, UFOP. Dissertação de Mestrado.

CASANOVA, B.E.D. & GUIMARÃES, J.R.P. 1985. Campo de Buracica, Arenito Água Grande - Bloco Sul - Análise do Projeto de Redução de Espaçamento. Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

DINO, R. & UESUGUI, N. 1986. Determinações palinoestratigráficas em amostras de afloramentos das formações Curitiba e Santa Brígida. Rio de Janeiro, PETROBRÁS. Rel. interno.

DURÃES, E.M. 1989. Estudo do reservatório Água Grande da Formação Itaparica no Campo de Rio Pojuca, Bacia do Recôncavo, Brasil. Ouro Preto, UFOP. Dissertação de mestrado, 145 p.

GHIGNONE, J.I. 1963. Geologia do flanco oriental da Bacia de Tucano Norte (do Vaza Barris ao São Francisco). Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

NETTO, A.S.T., BRAGA, J.A.E, BRUHN, C.H.L., MAGNAVITA, L.P., OLIVEIRA, J.J., AGLE, H.M. & RIBEIRO, J.C.L. 1984. Prospectos estratigráficos do Recôncavo: arcabouço estrutural, análise estratigráfica e potencialidade exploratória dos andares Rio da Serra e Aratu. Salvador, PETROBRÁS. Rel.int.

NETTO, A.S.T., & OLIVEIRA, J.J. 1985. O preenchimento do rift-valley na Bacia do Recôncavo. São Paulo, Rev.Bras. Geoc. v.15, n.2, p.97-102.

PETRI, S. 1972. Foraminíferos e o ambiente de deposição dos sedimentos do Mioceno do Recôncavo Baiano. São Paulo, Rev. Bras. Geoc. v. 2, n. 1, p. 51-67.

PICARELLI, A.T. & CAIXETA, J.M. 1991. Análise bioestratigráfica e paleogeográfica do Andar Aratu na Bacia do Recôncavo. Rio de Janeiro, PETROBRÁS. Rel. interno.

REGALI, M.S.P. 1966. Zoneamento palinológico e paleoclima da Bacia do Recôncavo e Tucano. In: Congr.Bras.Geol., 20. Rio de Janeiro, SBG.

SILVA, H.T., PICARELLI, A.T., CAIXETA, J.M., CAMPOS, N.R., SILVA, O.B. & RIGUEIRA, R.C. 1989. Aspectos evolutivos do Andar Rio da Serra, fase rift, na Bacia do Recôncavo e a Formação Jacuípe. Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

SILVA, O.B. 1978. Estudo do Membro Água Grande da Formação Itaparica. Salvador, PETROBRÁS. Rel. interno.

VIANA, C.F., GAMA Jr., E.G., SIMÕES, I.A., MOURA, J.A., FONSECA, J.R. & ALVES, R.J. 1971. Revisão estratigráfica da Bacia do Recôncavo/Tucano. Rio de Janeiro, Bol. Téc. PETROBRÁS, v. 14, n. 3/4, p. 157-192.



CARTA ESTRATIGRÁFICA DA BACIA DO RECÔNCAVO

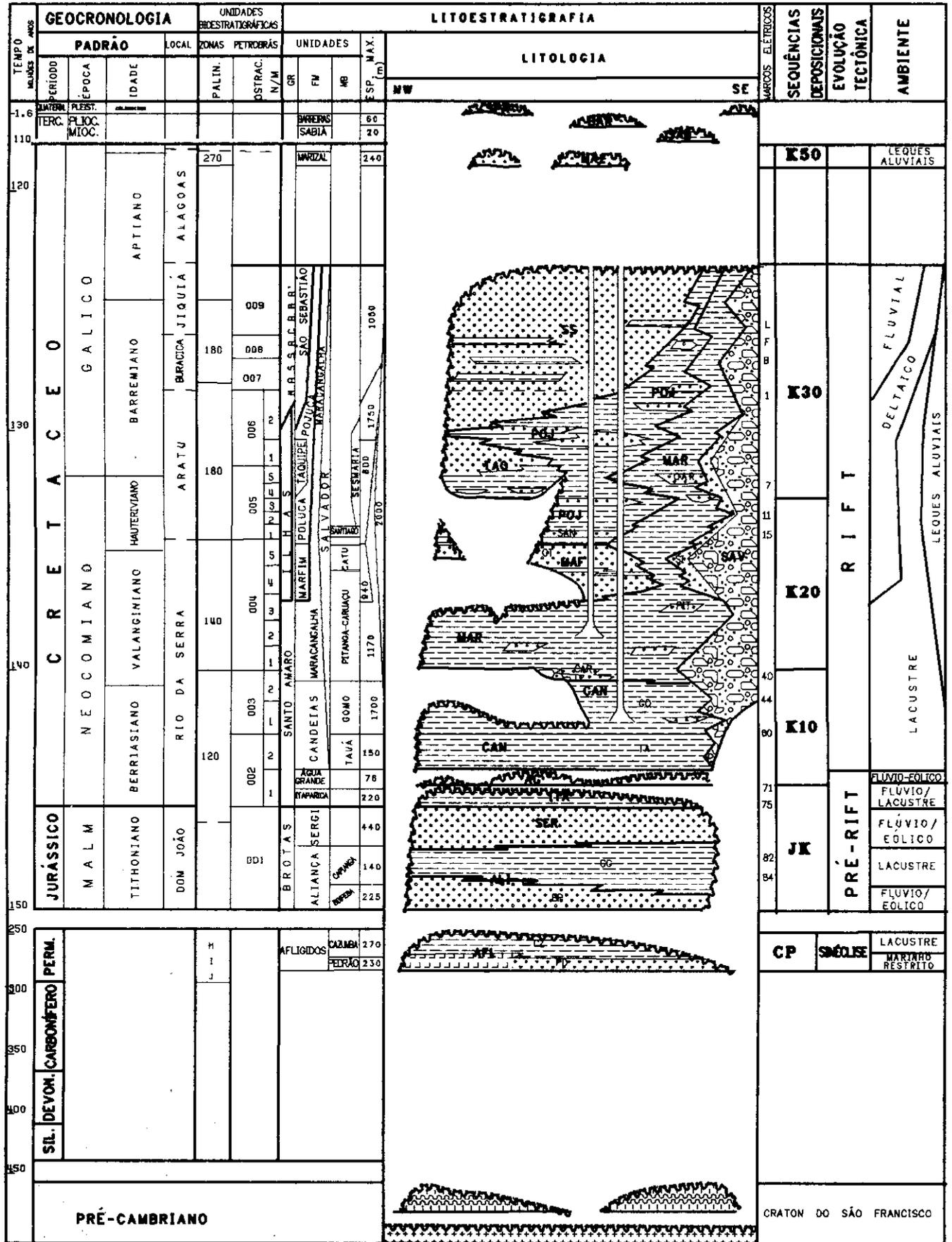
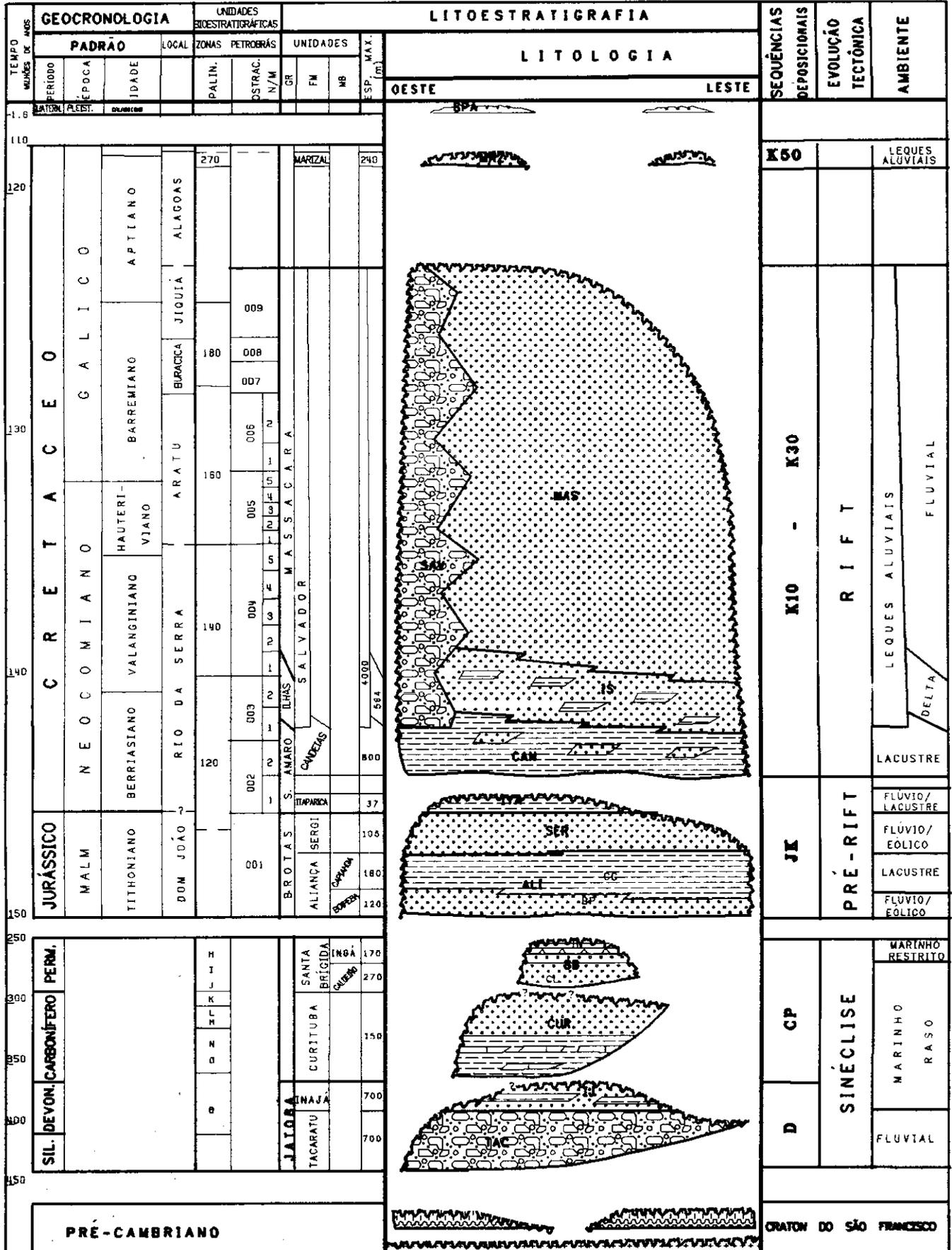


Fig. 16.1 - Carta estratigráfica da Bacia do Recôncavo.



CARTA ESTRATIGRAFICA DA BACIA TUCANO NORTE/JATOBA'





7 - AG - 219 - BA

Altitude = 148 m

12° 23' 26" S

38° 21' 6" W

POTENCIAL ESPONTÂNEO (MV)

INDUÇÃO (OHMM)

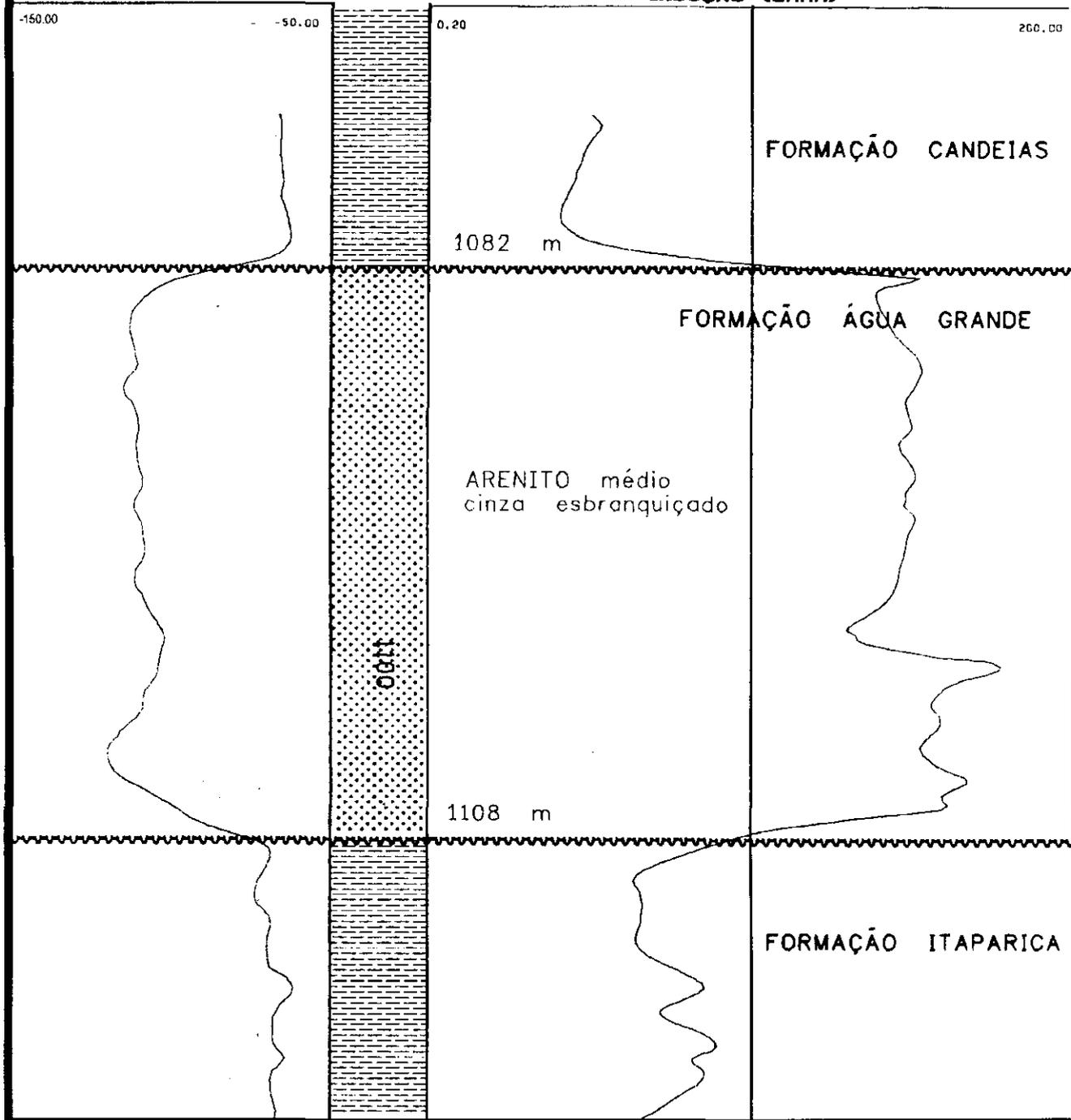


Fig. 16.4 - Perfil-tipo da Formação Água Grande.



1 - JM - 1 - BA

Altitude = 153 m

12° 31' 54" S
38° 27' 17" W

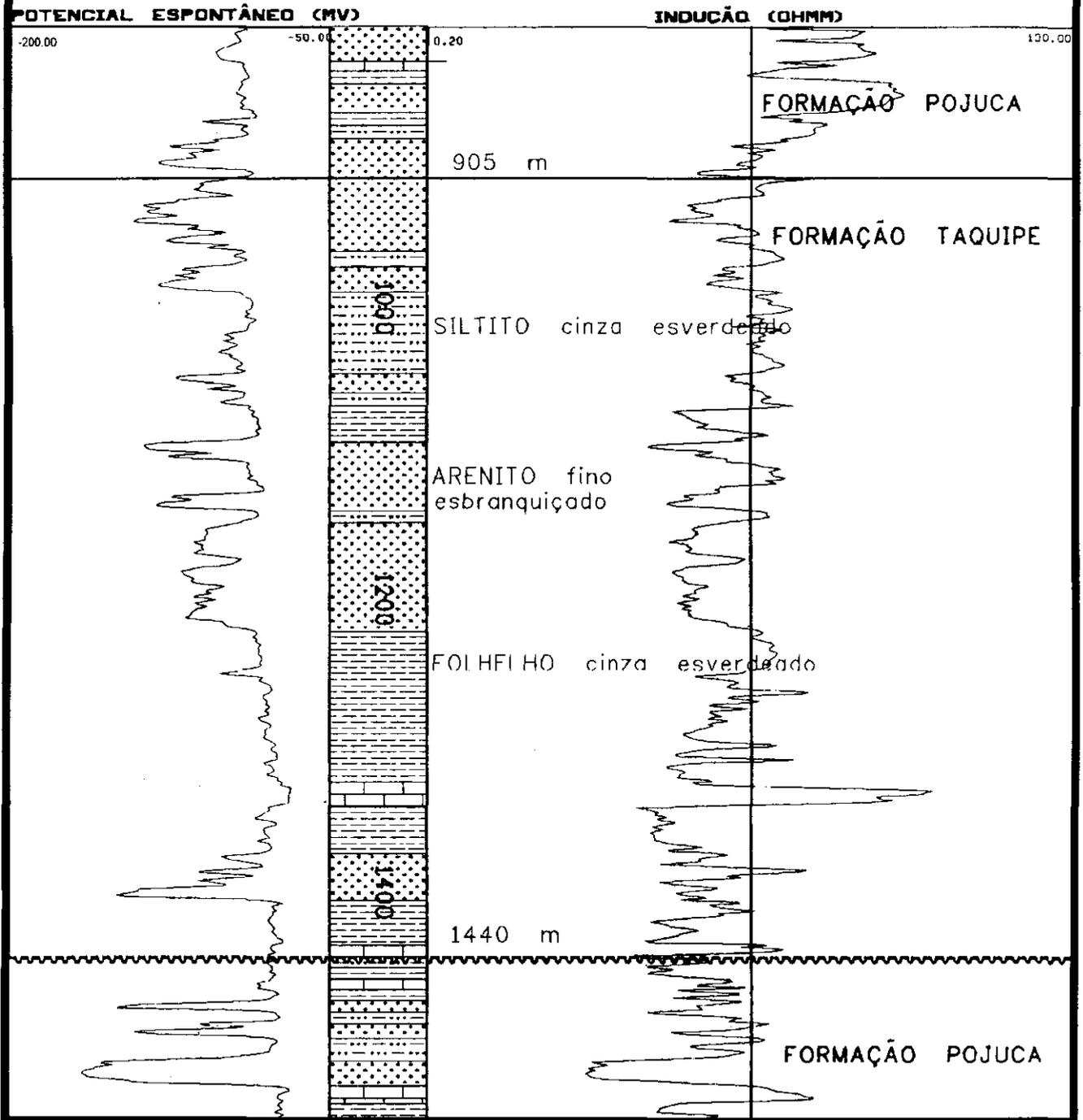


Fig. 16.5 - Perfil-tipo da Formação Taquipe.



3 - SI - 3 - BA

Altitude = 71 m

12° 10' 47" S
38° 4' 33" W

POTENCIAL ESPONTÂNEO (MV)

INDUÇÃO (OHMM)

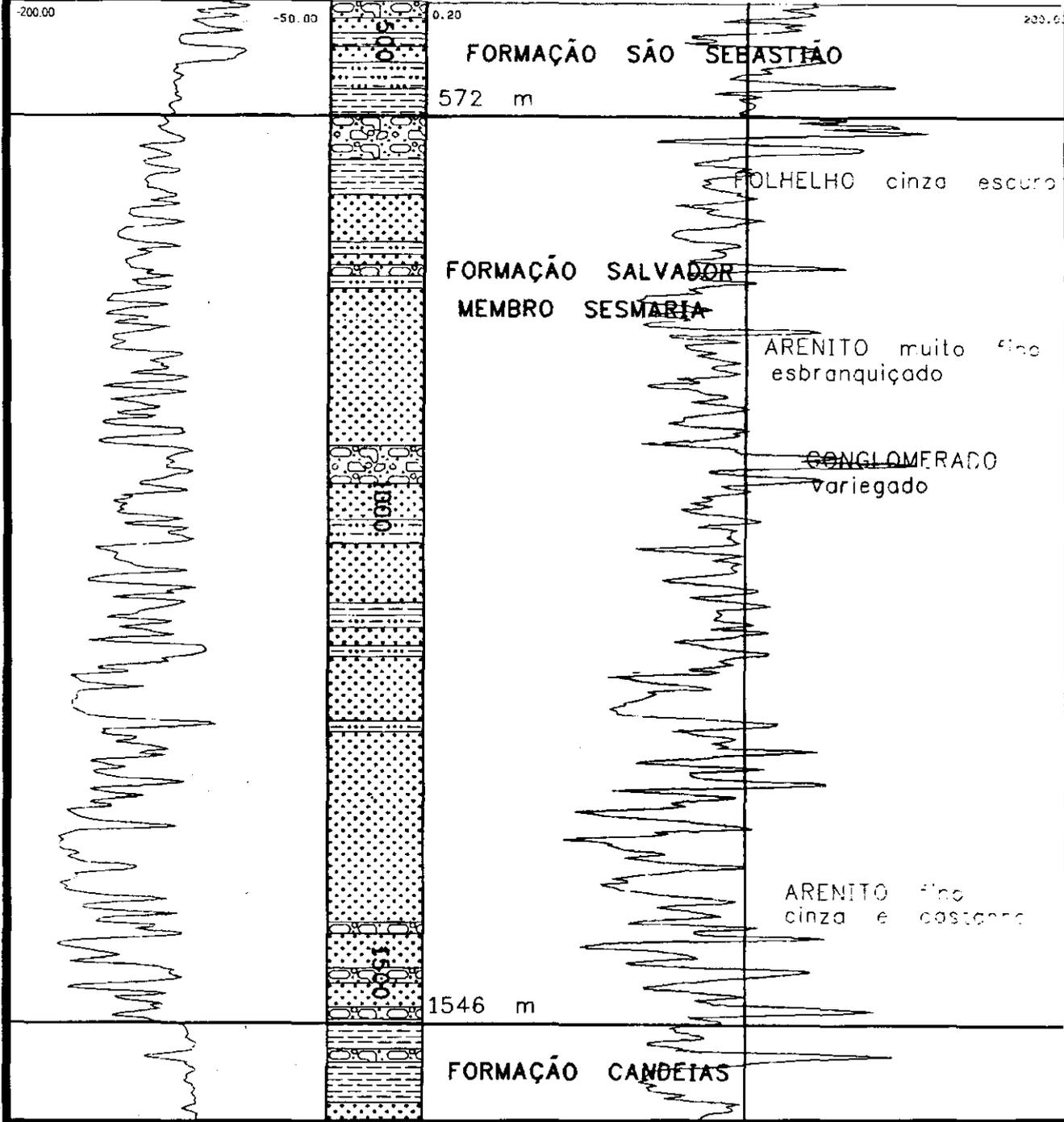


Fig. 16.6 - Perfil-tipo do Membro Sesmária.